

PÁGINA UM

A ESCOLHA DE ABRAÃO E OS DESAFIOS DO PRESENTE

**Apontamentos do diálogo de Julián Carrón,
Joseph Weiler e Monica Maggioni
no Meeting para a amizade entre os povos.
Rimini, 24 de agosto de 2015**

MONICA MAGGIONI. Boa noite a todos. Há alguma emoção para todos, esta noite, porque tentaremos atravessar juntos um tema complexo. Um título como “A escolha de Abraão e os desafios do presente”. E, sobretudo, tentaremos fazê-lo de um modo particular, um modo que nasceu de uma conversa entre três amigos que decidiram aceitar um desafio verdadeiramente grande: subverter uma modalidade de relato tendo, porém, no centro as coisas que se dizem, se pensam e se sentem. Então, tentaremos fazer este caminho juntos. E, portanto, começamos o relato.

ABRAÃO E O NASCIMENTO DO EU

***Primeira voz.** “O Senhor disse a Abraão: ‘Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei: engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. Em todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.’” (Gn 12, 1-3).*

***Segunda voz.** “Salta à vista, aqui, como o projeto mais realista sobre a vida de Abraão é não o seu, mas o projeto de um Outro. E isto, se se aceita na sua manifestação inicial, deve ser verificado depois no tempo. Assim, Abraão experimentará a familiaridade com aquela Presença, que o envolveu e o arrastou para longe de casa, no episódio do carvalho de Mambré (Gn 18), no qual o Ser misterioso aparecerá como hóspede a ser nutrido e servido, à sombra da árvore ‘durante as horas quentes do dia’” (L. Giussani, *Alla ricerca del volto umano*, Bur, Milão 2007, p. 24).*

Terceira voz. “A ideia era que um ser humano deve tornar-se real antes que possa esperar receber uma mensagem sobre humana qualquer; isto é, deve falar-se com a própria voz (não uma daquelas vozes tomadas de empréstimo), deve exprimir-se os próprios desejos reais (não aquilo que imagina desejar), tanto no bem quanto no próprio mal, sem nenhuma máscara, nenhum véu ou personagem”. “Como é que os deuses nos podem encontrar face a face, enquanto não tivermos o rosto descoberto?” (C.S. Lewis, *Carta a um leitor*).

MAGGIONI. Ouvimos as palavras do Génesis, de Dom Giussani e de Lewis. Joseph Weiler, partimos daqui: deste Abraão em relação com o nascimento do eu.

JOSEPH H. H. WEILER. Para mim, o acontecimento de Abraão, ou Abrahão, representa uma revolução. Ou melhor, três revoluções. Parto da primeira. Não estou de acordo, padre Carrón, com o facto de que é a primeira vez que Deus intervém na história. Houve o dilúvio, e Deus falou com Adão. Fala com Caim, e diz-lhe: “O sangue do teu irmão grita-me da terra”. E fala connosco. Deus já falou. Mas a primeira revolução, em Abraão, está na natureza da conversa entre Deus e o homem. E, para mim, a palavra-chave é *Aliança*. Deus *oferece* – não *impõe* – a Abraão uma Aliança. E é a primeira Aliança. E por que insisto que a Aliança é tão importante? Porque numa Aliança há duas partes: e as duas partes são soberanas. “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai” não é uma ordem, é uma proposta: “«Proponho-te que te vás embora, proponho-te uma terra prometida: mas cabe a ti decidir»”. Esta natureza da Aliança que responsabiliza o outro, no qual o outro deve tomar a própria responsabilidade, não é uma obediência: é a aceitação de um homem criado à imagem de Deus e que tem a possibilidade de também dizer “não” a Deus. E, com efeito, quando Deus diz a Abraão: “Deixa a tua terra”, espera com ansiedade para ver como será a resposta de Abraão. Esta é a primeira revolução: não o facto de falar com um homem, mas a natureza da conversa entre dois soberanos.

MAGGIONI. Existe já mais um passo nisso, portanto.

JULIÁN CARRÓN. É exatamente este eu capaz de responder que emerge pela primeira vez com Abraão. Porque aquela relação de familiaridade que Deus tinha começado com o homem, criando-o, tinha sido interrompida: este tinha deixado de aceitar a relação com o seu Criador. A um certo ponto, Deus quis, por isso, entrar novamente em relação com aquele homem que se tinha afastado d’Ele. Estando bem consciente, por assim dizer, da necessidade da relação reconhecida e vivida com Ele para a completa realização do homem, Deus tomou uma iniciativa imprevisível: quis intervir de novo, entrando na história e chamando um homem, Abraão, para despertar o seu eu, num certo sentido para fazê-lo nascer. É a proposta da Aliança que, com efeito, faz surgir um eu capaz de responder a Deus, consciente da sua própria individualidade irreduzível e da sua própria tarefa na história; é o pedido de um Tu que gera um eu como capacidade de resposta. É exatamente isso que nos espanta na aventura de Abraão: como disse o professor Giorgio Buccellati, para os mesopotâmios não era possível tratar por tu o facto, o destino. Mas que o eu seja constitutivamente relação com um tu, como nos ensina a história da Aliança, é o que podemos constatar observando a experiência humana elementar de cada um, sem ter que

imaginar o que acontecia no tempo de Abraão. Esta expressão de um cantor italiano diz isto muito bem: «Não sou quando tu não estás, e fico sozinho com os meus pensamentos» (*Vorrei*, letra e música de F. Guccini). Sem um tu a vida reduz-se e tudo se torna previsível. Sem Aliança, sem diálogo com aquele Tu, não há, no fundo, mais nada de imprevisto, ficamos presos no previsível, como aconteceu primeiro aos mesopotâmios e depois aos gregos. Temos, então, que nos contentar, como dizia Ésquilo: “Nenhum mortal deve fomentar pensamentos que superem a sua condição mortal”. Pelo contrário, chamando-o, Deus faz emergir em Abraão todo o seu desejo de homem, para que ele possa responder à proposta da Aliança, percebendo, desde o início, a sua conveniência humana. E isto não é, em primeiro lugar, uma questão ética: diz respeito à própria natureza do eu. Sem aquele Tu, sem aquela Aliança, o eu não é propriamente eu.

WEILER. Estou de acordo. E, para mim, seria preciso interpretar assim também a Terra prometida. Não é apenas um território: a “Terra prometida” é um outro tipo de vida, um outro tipo de responsabilidade, um outro tipo de relação entre seres humanos e seres humanos, e entre seres humanos e Deus. Podemos passar às outras duas revoluções?

MAGGIONI. Claro! Até porque são as revoluções que esta figura de Abraão representa: é a imagem da ruptura da relação. Daí começa, seguramente, um outro tipo de percurso: pode ver-se isso na exposição, percebe-se isso lendo os textos.

WEILER. Como disse o Carrón, o protagonista da primeira revolução não é Abraão: É Deus, que oferece uma relação quase de paridade. “Convido-vos!”. Como dizia João Paulo II, “propõe-se, não se impõe”. Mas eis as outras revoluções. Deus decidiu destruir Sodoma e Gomorra. Leio: «Ocultarei a Abraão o que vou fazer? Ele deve tornar-se uma nação grande e poderosa e Eu abençoarei nele todos os povos da Terra. Escolhi-o, de facto, para que dê ordens a seus filhos e à sua casa depois dele, no sentido de seguirem os caminhos do Senhor, praticando a justiça e a rectidão». (Gn 18, 17-19). É uma proposta revolucionária, porque até este ponto Deus não instruiu Abraão, não lhe deu a lei, não lhe ensinou a moralidade. A moralidade, a sensibilidade ética, está radicada na razão que faz parte da natureza humana. Isto é revolucionário: quatro mil anos antes de Emmanuel Kant, já se encontra uma interioridade que tem a sensibilidade ética de agir com justiça sem ser instruída, nem mesmo por Deus. É algo que faz parte do ser humano. Esta é a segunda revolução. A terceira é Abraão *alla grande*. Porque Deus diz: “Vou destruir Sodoma e Gomorra”. E Abraão não responde: “Sim, Senhor”. Abraão pergunta: “«Come é possível? E se houverem em Sodoma e Gomorra cinquenta inocentes? Não é possível que Tu, Deus, o juiz de toda a terra, não faças justiça, destruindo os inocentes com os culpados...»». (Gn 18, 23-25). Por que é que isto é revolucionário? Porque, até este ponto, se Deus dizia alguma coisa, significava que ela era, por si mesma, justa. Aqui, pelo contrário, é a revolução copernicana da justiça: “Se não é justo, não pode ser de Deus”. Isto não acontecia até então na nossa civilização. E aqui é Abraão *alla grande*...

CARRÓN. Por que razão é que, pela primeira vez na cena do mundo, acontece alguma coisa que nunca tinha acontecido antes? Esta é a pergunta à qual é preciso responder. Esta novidade acontece como consequência de um acontecimento histórico, da entrada do mistério na história, com eu já tinha referido antes. O homem, na sua estrutura constitutiva, já existia antes de Abraão; mas, como diz Dom Giussani, aquilo que existe no homem como

estrutura, em potência, só emerge e se realiza em relação com uma provocação. Havia, portanto, a necessidade de uma provocação adequada para que viesse à tona toda a sede de justiça que existia no homem Abraão e ele conversasse com Deus pedindo-Lhe as razões de Seus movimentos. Era preciso, em primeiro lugar, que emergisse inteiramente aquela capacidade do eu que pertence, como potencialidade, à estrutura humana. Mas, para isso, era necessário um tu, a intervenção daquele Tu. Como vemos na experiência da criança, que tem necessidade de um tu – o da mãe – para que se desperte a consciência de si. Sem tu não há o eu.

WEILER. Eu tenho esta ideia, fantasiosa: que Deus, antes de dizer “Abraão, vou destruir Sodoma e Gomorra”, decidiu colocá-lo à prova. Deus espera e pensa: “Vamos ver o que Abraão diz. Se aceita, se diz ‘Sim, sim. Tu o dizes: faz então!’”. E, pelo contrário, Abraão, audaz, rebate: “Como é possível que Tu, Deus, o juiz de toda a terra, não faças, Tu mesmo, justiça?”. Bem, neste ponto, na minha fantasia, Deus sorri e diz: “Aqui está! Foi assim que o quis, foi assim que o quis!”.

CARRÓN. O que me espanta é observar que tipo de ser humano surge através da intervenção de Deus. No diálogo da Aliança entre o Tu de Deus e o seu eu, vemos libertar-se toda a potência do desejo de Abraão. É por isso um determinado tipo de homem que emerge com o avançar da história que nasce com Abraão. Que o salmista possa dizer: “Ó Deus, tu és o meu Deus! Anseio por Ti! A minha alma tem sede de Ti; todo o meu ser anela por Ti, como terra árida, exausta e sem água” (Sl 63, 2), faz-nos compreender a provocação que deve ter recebido Abraão para que, no seu eu, se despertasse aquela sede. Para poder dizer “Eu” com esta consciência do relacionamento que o funda, para ser despertada até este ponto, a natureza humana tem que se deparar com uma provocação adequada.

WEILER. Totalmente de acordo.

O ENFRAQUECIMENTO DO EU

MAGGIONI. Cá está, esta é a provocação: é o emergir desta consciência do eu. Porém, dizia Carrón, esta consciência não é “para sempre”. Não é um resultado que, uma vez obtido, tem uma realidade própria da qual não se move mais. É uma realidade em contínuo devir, a reconstruir a cada instante...

CARRÓN. A um certo ponto, Isaías disse: «Ao teu nome e à tua recordação se dirige todo o nosso desejo» (Is 26,8). Que atração deve ter experimentado o homem diante daquela Presença, ao ponto de dizer: «A Ti se dirige todo o meu desejo»!

MAGGIONI. Porém... tu dizes “Que atração...!”. Mas, às vezes parecemos não sentir aquela atração, não a vemos, já não a conseguimos interceptar. É o momento em que sentimos a sensação do enfraquecimento do eu.

Primeira voz. “Dantes, ficavamos adultos muito depressa. (...) [Hoje, há uma corrida contínua em direção à imaturidade. Dantes] A todo custo, um jovem tornava-se maduro. (...) [Hoje, os jovens] não sabem quem são. (...) Preferem ficar passivos (...). Vivem envolvidos num misterioso torpor. Não amam o tempo. O único tempo deles é uma série de átimos, que não estão ligados numa cadeia ou organizados numa história” (P. Citati, «Questa generazione che non vuol crescere mai», *la Repubblica*, 2 de agosto de 1999, p. 1).

Segunda voz. “A ferida foi o tédio, o tédio invencível, o tédio existencial que matou o tempo e a história, as paixões e as esperanças. Eu não vejo doçura nos seus olhos. (...) Eu vejo olhos estupefactos, estáticos, aturdidos, fugidios, ávidos sem desejo, cobiçosos sem cobiça, solitários no meio da multidão que os contém. Eu vejo olhos desesperados (...), eternas crianças, (...) uma geração desesperada (...) que avança (...). Procuram sair daquele vazio de plástico que os rodeia e os sufoca. A sua salvação está apenas nos seus corações. Nós podemos apenas olhá-los com amor e ansiedade” (E. Scalfari, «Quel vuoto di plastica che soffoca i giovani», *la Repubblica*, 5 de agosto de 1999, p. 1).

“Quem poderia imaginar que a longa parábola que, do Humanismo e do Renascimento – nascidos com a intenção de afirmar o humano – nos conduziu até aqui, teria como resultado esta letargia e este tédio existencial?” (J. Carrón, Madrid 19 de novembro de 2010).

Terceira voz. “Tudo conspira para nos calar, um pouco como se cala / uma vergonha, talvez, / um pouco com se cala uma esperança infável” » (R.M. Rilke, «Seconda Elegia», vv. 42-44, in *Elegie duinesi*, Einaudi, Turim 1978, p. 13).

MAGGIONI. Dois intelectuais contemporâneos, Citati e Scalfari; um grande poeta, Rilke; e o sentido de contrapor aquela construção de Deus, da qual partimos, a *este* momento, no qual sentimos dissolver-se aquela unidade em torno da qual nos estávamos a mover...

WEILER. Eu, como profissão, sou professor de Direito. Ensino nos Estados Unidos, na Europa, na Ásia. Em todo o lado, parece-me que existe um aspecto comum. Os jovens que assistem às minhas aulas de Direito Constitucional estão obcecados com a palavra *direitos*: “direitos do homem”, “direitos fundamentais”, “onde estão os nossos direitos?”... Claro, eu não gostaria de viver numa sociedade que não respeita os direitos do homem, os direitos fundamentais, a igualdade. Mas há uma palavra que nunca oiço: *responsabilidade*. Deveres. Ninguém, em vez de me perguntar “Professor, quais são os nossos direitos fundamentais?”, me pergunta “Quais são os nossos deveres fundamentais? E onde está a nossa responsabilidade?”, em vez de descarregar sobre os outros a nossa responsabilidade por aquilo que acontece. “É terrível”, dizem. É sempre da responsabilidade de outro. Esta é a redução do eu, esta é a mensagem anti abraâmica. Ele é uma pessoa que assumiu a responsabilidade dos seus actos, da sua existência, daquilo que acontecia perto dele. Se falamos da redução, se penso em Rilke, em Scalfari, é exatamente esta a palavra-chave: não *direitos*, mas *responsabilidade*. Deveres.

CARRÓN. As palavras de Citati, de Scalfari e de Rilke, se lhes tivermos prestado atenção, descrevem bem no que consiste o enfraquecimento do eu. Mas, se as dimensões do eu se radicam originalmente na natureza humana, como podem enfraquecer historicamente? Como é que do desejo do homem de se tornar mais protagonista, com o qual começou o Humanismo, acabamos neste torpor, neste tédio? Impressiona-me muito esta frase de Hannah Arendt: “O homem moderno não ganhou este mundo quando perdeu o outro mundo, e nem mesmo a vida foi favorecida por isso. (...) É perfeitamente concebível que a idade moderna – começada com uma explosão de atividade humana sem precedentes e promissora – termine na mais mortal e na mais estéril passividade que a história jamais conheceu” (ARENDDT, Hannah. *Vita activa. La condizione umana*. Milano: Bompiani, 1994, pp. 239-240). É uma frase impressionante, porque nos obriga a revermos a nossa posição: nós pensamos que a história de Abraão é apenas para os pios, para os devotos, que alude a uma questão ética, que a relação com um tu – com aquele Tu – não é assim tão necessária para dizer “Eu” com toda a própria capacidade de resposta, de responsabilidade, de consciência. E, no entanto, vemos que logo que esta relação enfraquece, decaímos no torpor e no tédio. Com efeito, a um certo momento, o Mistério, que tinha entrado na história com Abraão, foi entendido pelo homem como algo de contrário ou de hostil a si, e esta postura teve como consequência o enfraquecimento do eu. É significativo que certas expressões artísticas, penso no cinema, pareçam retornar praticamente àquilo que era o mundo antigo e greco-latino, antes do chamamento de Abraão e do acontecimento de Cristo. Estou a pensar na frase de um filme de Ingmar Bergman, *Fanny e Alexander* (1982): “Nós, Ekdahl, cá está, não viemos ao mundo para sondá-lo até o fundo. Não mesmo. Nós não estamos preparados, equipados para certas investigações. (...) Nós vivemos em pequeno..., no pequeno mundo. E nos contentaremos com isso. Iremos cultivá-lo e usá-lo da melhor maneira. (...) A vida é feita assim. [O previsível retorna] Justamente por esse motivo é necessário (...) gozar deste pequeno mundo [no que consiste a vida?], da boa cozinha, dos doces sorrisos, das árvores frutíferas em flor, ou mesmo de uma valsa”. Nisto se tornou o eu, desde que enfraqueceu a consciência daquele relacionamento constitutivo que está, para nós, hoje, quando muito reduzido a uma espécie de espiritualidade, de ética, de fábula religiosa para visionários. Nós pagamos na nossa pele aquele enfraquecimento, com o nosso torpor, com este nosso contentar-se: faltando a provocação, não urge em nós o desejo de responder, do qual brota toda a potência, a capacidade criativa do eu.

WEILER. Estou de acordo, mas gostaria de introduzir uma observação. Eu sou religioso, mas não devemos pensar que nós, religiosos, temos a verdade e que os leigos, pela falta de Deus nas suas vidas, se condenam a uma redução do eu. Esta redução pode acontecer também na pessoa religiosa.

CARRÓN. Nietzsche já o tinha previsto. Anunciando a “morte de Deus”, ele não pensava que a religião tivesse acabado, mas que restaria um certo tipo de religião, incapaz de despertar o eu.

WEILER. O leigo ateu pode ter a vida plena, a sua terra prometida, assumir a sua responsabilidade. Aqui, o perigo é a soberba, a *hybris*. Vocês conhecem o ditado que mais

gosto dos profetas? “O que Deus pede de ti? Fazer justiça, a misericórdia e andar humildemente com o teu Deus”. Então, conselho: *humildemente*.

MAGGIONI. Não foi por acaso, acredito, que as três solicitações das quais partimos não eram de homens religiosos, não chegavam de uma dimensão estritamente religiosa...

CARRÓN. Estas coisas não são ditas apenas por nós, homens religiosos, como vemos, porque são a constatação do que acontece. Impressiona-me sempre como Giussani identificou bem o drama do nosso tempo, aquilo que tu, Joseph, chamavas de “falta de responsabilidade”: é como o enfraquecimento de algo, da “motilidade” do eu, ele disse. Não é tanto um problema de fraqueza ética: “Gostaria de mostrar uma diferença entre as gerações dos jovens de hoje e aquelas dos jovens que eu encontrei há trinta anos atrás. Parece-me que a diferença está numa maior fraqueza de consciência que se tem agora; uma fraqueza não ética, mas de energia da consciência” (Luigi Giussani, *L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*. Milão: BUR, 2010, p. 181). Não é que os jovens de hoje sejam mais preguiçosos ou menos preguiçosos, não é que cometam mais ou menos erros: sempre cometemos os mesmos erros. A questão é que enfraquece a capacidade de adesão a algo diferente de si. Porque, para poder aderir, é preciso uma atração adequada, capaz de mover o eu. A relação – o tu – não é secundária, não é acessória, mas é parte constitutiva da definição do eu: “Não sou quando não estás”. Esta relação é crucial.

WEILER. Se tivermos dois minutos, gostaria de fazer uma pergunta ao Carrón. Penso que muitos do que estão aqui terão esta pergunta, e pode dar-se que tenham medo de a fazer. Diz respeito à famosa história de Abraão e Isaac. Deus chama Abraão e diz-lhe: “Pega no teu filho”. Abraão responde: “Tenho dois”. “O teu filho único”. E ele: “Os dois são únicos”. “O filho que amas”. “Eu amo os dois...”. “Pega no Isaac e sacrifica-o!”. E Abraão não diz nem sequer “Sim, Senhor”, sem uma palavra, põe-se a caminho. Pode-se pensar: não é um pouco como esses fundamentalistas de hoje, que, em nome de Deus, estão prontos a cometer crimes tremendos? Como respondemos a este desafio de Abraão?

CARRÓN. É o desafio ao qual, me parece, é preciso responder, porque a questão decisiva é esta: o que pode mover uma pessoa para levar a sério um convite como aquele? O que deve ter visto, experimentado, Abraão? Como é que o eu de Abraão poder ter sido enredado por aquela Presença, para sequer ter em conta uma ordem deste género? Como pode um homem responder a uma provocação como esta? Na Aliança que Deus estabeleceu com Abraão encontra-se o início de uma história que, depois, segue adiante, se desenvolve, dá passos e progride. Deus começou por aquilo que havia, pelo eu assim como era no início, com todas as suas dificuldades e todos os seus limites, propondo-lhe uma Aliança para ligá-lo a Si. A história da Bíblia está cheia dos limites do homem, não há nenhuma mitificação do homem, porque é o homem real que é despertado por um Tu. Aceitando essa aposta, à primeira vista irracional, Abraão descobre finalmente o verdadeiro rosto do seu Deus, que não queria a morte de Isaac, mas desejava ligar Abraão a Si, porque exatamente quando o homem enfraquece esta relação surge o torpor, o tédio invencível, um vazio que não é inócuo, como vemos.

Vídeo de imagens tiradas dos serviços Rai News 24 sobre o atentado terrorista à redação do Charlie Hebdo e ao supermercado Hyper Cacher de Paris, no dia 7 de janeiro de 2015.

O DESAFIO EDUCATIVO

MAGGIONI. Não é que queiramos reduzir este pedaço do presente, este pedaço da história, este desafio contemporâneo à questão do “vazio do eu”; mas a questão do “vazio do eu” está lá dentro, como está lá dentro também a questão da responsabilidade que enfrentávamos antes. Então, naqueles dias, nos dias que se seguiram aos massacres de Paris, nos dias que nos colocaram diante dos olhos a emergência que estávamos a viver, Julián Carrón escrevia no *Corriere della Sera*:

“Caro Diretor, falou-se muito dos acontecimentos de Paris, desde quando ocorreram. Ninguém conseguiu evitar um sobressalto de desorientação ou de medo. As numerosas análises ofereceram pontos de reflexão interessantes para entender um fenómeno tão complexo. Mas um mês depois, quando a rotina da vida quotidiana assumiu novamente a prioridade, o que é que ficou? O que pode impedir que estes factos, apesar de tão perturbadores, sejam rapidamente apagados da memória? Para nos ajudar a recordar é preciso descobrir a verdadeira natureza do desafio que os atentados de Paris representam” Qual é o desafio, claro. Porém, a análise do Carrón não para aqui.

*“Por isso o problema é, em primeiro lugar, interno à Europa e a partida mais importante joga-se em nossa casa. O verdadeiro desafio é de natureza cultural e o seu terreno é a vida quotidiana. Quando aqueles que abandonam as suas terras chegam a nossa casa, à procura de uma vida melhor, quando os seus filhos nascem e se tornam adultos no Ocidente, o que veem? Podem encontrar alguma coisa capaz de atrair a sua humanidade, de desafiar a sua razão e a sua liberdade? O mesmo problema se coloca em relação aos nossos filhos: temos para lhes oferecer alguma coisa à altura da exigência de realização e de sentido que eles trazem consigo? Em muitos dos jovens que crescem no chamado mundo ocidental, reina um grande nada, um vazio profundo, que constitui a origem daquele desespero que acaba em violência (J. Carrón, «O desafio do verdadeiro diálogo depois dos atentados de Paris», *Corriere della Sera*, 13 de fevereiro de 2015, p. 27).*

Julián, naqueles dias, um dos exercícios de maior sucesso por parte de quem quer sempre afastar o problema de si, como se fosse *outro* diferente de si, era dizer que aquela história não nos diz respeito. Que aquela história era o emblema de um “nós” e um “eles”, de uma distância, de algo que exatamente porque é *outro diferente de nós* se torna assim. Tu, ao escrever este texto, trouxeste, trágica e dolorosamente, aquele pedaço da história para dentro do *nosso* campo, para dentro da *nossa* experiência.

CARRÓN. Porque é assim, é algo que temos em nossa casa. Não me refiro apenas àqueles que chegam de outros países, mas também aos nossos filhos, aos nossos amigos, aos professores com os seus alunos. A questão de Abraão é interessante justamente porque repropõe o mesmo problema: há alguma coisa capaz de despertar o eu e oferecer uma resposta adequada àquele desejo de realização que todos temos? Se isto não acontece, o que domina é o vazio. A este vazio não se pode responder com contraposições ideológicas, elas não são capazes de atrair o eu, de despertá-lo, aliás, em geral, geram apenas ainda mais violência e mais conflito. Ao longo da nossa história, na Europa aprendemos que não há

relação com a verdade a não ser através da liberdade. Por isso, agora que assistimos a uma contínua chegada de pessoas de diversas culturas e religiões, de diversos estilos de vida e expressão, queremos conviver com elas? E o que é preciso para que isso aconteça? O que é que temos, na nossa bagagem, para poder responder ao desafio que está em nossa casa? Esta é a emergência educativa que nos diz respeito a todos: há alguma coisa que possa atrair adequadamente, que possa desafiar uma pessoa de uma cultura diferente que chega até nós? Podemos oferecer alguma coisa que seja mais interessante do que a violência? Que seja mais interessante do que o torpor e o tédio? Temos alguma coisa a propor às novas gerações? O problema, como dizíamos, não é ético em primeiro lugar, e não se resolve com um apelo moral; é um problema existencial, fundamental, e só se resolve se o homem encontrar alguma coisa que corresponda às suas exigências constitutivas, que lhe faça sentir a vontade, o desejo de se lançar, de construir e viver em paz. Ontem ouvimos o Padre Ibrahim contar sobre um muçulmano que foi ao poço do convento franciscano e disse: “Padre, ao ver como as pessoas vêm buscar água, com um grande sorriso, com uma grande paz no coração, sem litígios, sem levantar a voz, eu que percorri toda a Aleppo e vejo o que se faz, matam-se para tirar água dos poços, eu espanto-me: vocês são diferentes, cheios de paz, de alegria”. A questão, então, é se há alguma coisa a colocar no real, seja lá qual for a sua origem, que possa oferecer uma contribuição para a situação na qual nos encontramos, que vemos cada vez mais frequentemente. Este é o desafio educativo.

WEILER. Aqui, queria desafiá-los um pouco.

CARRÓN. Estou disponível, caso contrário canso-me!

MAGGIONI. Não esperávamos outra coisa...

WEILER. Aqui, apesar de todos os nossos defeitos, temos uma cultura da tolerância. Temos um Meeting com uma orientação específica, que, porém, não tem medo de convidar um judeu com um ponto de vista diferente.

CARRÓN. Claro que sim.

WEILER. Temos uma democracia, ainda que não perfeita – a democracia nunca é perfeita, porém é melhor a democracia imperfeita do que qualquer outro sistema. Temos uma procura contínua da justiça; nunca chegamos lá, mas procuramos a justiça. Temos também uma cultura rica. Em suma, temos tanto para oferecer. E mesmo aceitando o facto de que há um vazio na vida atual, no entanto o nosso mundo é civilizado e rico. É importante, devemos insistir nisso. E gostaria também de evitar a tentação de dizer: este vazio na vida explica um certo comportamento. Pode acontecer que o explique, mas não o justifica, porque a pessoa é responsável pelos seus atos.

CARRÓN. A questão é esta: como é que este tesouro, que acumulámos ao longo da história, e que você descreveu tão bem, permanece? Porque, como dizia Goethe, aquilo que recebemos devemos ganhá-lo geração após geração (cfr. *Fausto*, vv. 682-683, Garzanti, Milão 1990, p. 53). E, como disse Bento XVI, só recomeçando sempre, iniciando constantemente um processo educativo, é que aquilo que acumulámos ao longo da história poderá tornar-se dos nossos filhos (cfr. Bento XVI, Carta encíclica *Spe salvi*, 24). Esta é verdadeiramente a grande companhia que fazemos uns aos outros. Aquela riqueza a que chamamos “tradição”, como é que podemos transmiti-la de modo atraente, para não acabar por destruir tudo, menosprezando o valor do esforço que fizeram as gerações que nos precederam para chegar até aqui? Como é que podemos propô-la de um modo tão atraente que os nossos contemporâneos a descubram como um bem para si e não precisem recomeçar sempre do zero depois de tê-la destruído? Este é o desafio.

MAGGIONI. Tu disseste que a maior emergência de todas é exatamente a educativa. Nós escolhemos aquela fotografia do Sebastião Salgado, que faz parte da magnífica série *Genesis*. Olhando-a, olhando aqueles pinguins, eu vejo uma coisa simultaneamente lindíssima e feiíssima: leio a força da educação, do modelo a seguir, daquilo que te leva em direção à tua inclinação; e, porém, leio também o *mainstream*. Nenhum deles decide mergulhar de outro ponto, nenhum deles põe em jogo o próprio eu e diz: “Eu mergulho daqui”. Estamos numa época em que o “pinguinismo”, que nós hoje pedimos emprestado daí, me parece muito forte: é um factor que atravessa as nossas construções de relato, as nossas construções de pensamento e de homem. E, então, é aqui que se torna um desafio educativo. Professor Weiler...

WEILER. Então, há dois minutos eu disse: temos tanto para oferecer. A democracia, os direitos fundamentais, a tolerância etc. Mas também temos que ser honestos, porque eu sempre disse que a nossa civilização ocidental tem dois fundamentos: de um lado, Atenas, o Iluminismo, o neo-kantismo, os direitos etc. E, de outro lado, a tradição judaico-cristã. Todos sabemos isso, hoje – não se pode andar por Itália sem o ver –, que esta é uma parte integral da nossa civilização. O próprio “São Jürgen Habermas” admitiu que, para falar verdadeiramente dos direitos fundamentais, as raízes da tradição cristã são fundamentais. Porém, este facto é negado. Todos recordamos a feia história da Constituição europeia: até mesmo mencionar, simplesmente, o facto de que entre as raízes da tradição europeia, ao lado do Iluminismo, há o cristianismo, foi impossível. Então, diante da tua pergunta – “como é que podemos fazer?” – eu diria: aprendemos uma coisa, que esta tradição não pode ser imposta!

CARRÓN. Porque aprendemos que a única relação com a verdade é a que passa através da liberdade.

WEILER. Certo! Então, a resposta é: o testemunho. O viver uma vida que seja parte integrante daquilo que temos para oferecer aos outros, a nós mesmos. Em inglês diz-se *compelling*: alguma coisa que *se impõe*, porque é mais do que atraente. Não é possível viver sem ela. Mas isto só é possível com o exemplo, o testemunho.

CARRÓN. Mas é exatamente esse o desafio, porque, como diz o nosso amigo Antonio Polito, com quem apresentei um livro seu sobre educação, o problema é que “a nossa sociedade está, portanto, envelhecida nas esperanças e nas expectativas” (A. Polito, *Contro i papà. Come noi italiani abbiamo rovinato i nostri figli*, Rizzoli, Milão 2012, p. 144). Ou, como dizia Dom Giussani, “a todas estas gerações de homens não foi proposto nada”. O que faltou foi justamente este testemunho. Muitos, sempre disse Dom Giussani, têm como preocupação apenas oferecer como proposta “uma segurança de vida fácil, de vida sem riscos” (*L'avvenimento cristiano*, Bur, Milão 2003, p. 126), evitando aos filhos o trabalho necessário para que se torne deles aquilo que os pais conquistaram; nós queremos poupá-los disso. Mas, ao fazer isso, apenas os ajudamos a cavar a sua própria sepultura.

WEILER. E eu, desculpem-me, não posso deixar de dizer que há 11 anos vim aqui com a minha família e que, hoje, o Meeting é muito especial para mim, porque uma das minhas filhas, que então tinha 10 anos e agora tem 21, está aqui. É aquela rapariga loira com os cabelos pintados de violeta: muito significativo depois do jogo de ontem, para vocês torcedores do Milão, hein?

DE ONDE RECOMEÇAR?

MAGGIONI. Sim, há a história de todos aqui dentro... Porém, o problema, neste ponto, está claro. Partimos de Abraão, vimos o sistema entrar em crise e, portanto, a questão, agora, é exatamente: de onde se recomeça? Entre as tantas coisas muito importantes para as quais chamou a nossa atenção, Bento XVI disse uma frase: “As boas estruturas ajudam [e eu, pessoalmente, acredito muito que as boas estruturas ajudem: são fundamentais, não se pode deixar por menos], mas por si só não bastam. O homem não poderá jamais ser redimido simplesmente a partir de fora” (*Spe salvi*, 25). Então, queria propor-lhes esta última provocação: de onde recomeçar?

Primeira voz. “Uma crise obriga-nos a retornar às perguntas; exige de nós respostas novas ou velhas, na condição de que sejam resultantes de um exame direto; e só se transforma numa catástrofe quando nós tentamos enfrentá-las com juízos preconcebidos, ou seja, prejuízos, agravando assim a crise e, além do mais, renunciado a viver aquela experiência da realidade, a utilizar aquela ocasião para refletir, que a própria crise constitui” (H. Arendt, *Tra passato e futuro*, Garzanti, Milão 1991, p. 229).

Segunda voz. “A solução é uma batalha para salvar: não a batalha para parar a astúcia da civilização, mas a batalha para redescobrir, para testemunhar a dependência do homem de Deus. (...) O perigo mais grave de hoje é (...) a tentativa da parte do poder de destruir o humano [o nosso verdadeiro recurso]. E a essência do humano é a liberdade, isto é, a relação com o infinito. Por isso, é sobretudo no Ocidente que a grande batalha deve ser combatida pelo homem que se sente homem: a batalha entre a religiosidade autêntica e o poder. O limite do poder é a religiosidade verdadeira – o limite de qualquer poder: civil, político e eclesial” (L. Giussani, «Cristo, tutto ciò che abbiamo», *Tracce-Litterae communionis*, n. 2/ 2002, p. V).

Terceira voz. “A letícia é a reverberação da certeza da felicidade, do Eterno, e forma-se de certeza e de vontade de caminho [uma certeza que nos coloca em caminho], de consciência do caminho que se está realizando. (...) Estar cheios de letícia é condição indispensável para gerar um mundo diverso, uma humanidade diversa. A letícia é como a flor do cacto, que na planta cheia de espinhos gera algo bonito” (L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell’uomo 1990-1991*, Bur, Milão 2013, pp. 240-241).

MAGGIONI. “É a beleza que nos salvará”, diz o Papa Francisco. A beleza, a letícia, a superação da crise que estavam nas palavras de Hannah Arendt, que ouvimos no início.

Violino (J.S. Bach, Adagio da *Sonata n.1 em sol menor* para violino solo BWV 1001).

WEILER. Precisamos dum minuto para recuperar, porque...

CARRÓN. Mas é exatamente daqui que se recomeça! Deste instante em que a pessoa fica presa de novo, porque há alguma coisa no real que a atrai mais do que todas as faltas, do que todos os limites que tem, do que todas as *bagarre* nas quais está imerso. Há um momento, diante de uma coisa como esta música, diante da beleza, em que o eu começa de novo. Não é preciso nada. É preciso apenas que aconteça.

WEILER. O *spirto gentil*?

CARRÓN. Exato, o *spirto gentil*.

WEILER. Seria preciso reler estas palavras de Giussani: “Por isso, é sobretudo no Ocidente que a grande batalha deve ser combatida pelo homem que se sente homem: a batalha entre a religiosidade autêntica e o poder. O limite do poder é a religiosidade verdadeira – o limite de qualquer poder: civil, político e [notem a sua grande humildade] eclesiástico”. Uma mensagem importante. De onde recomeçar? Da beleza deste espírito autocrítico que está pronto para se limitar a si mesmo. E pode acontecer que seja possível visitar o “Deixa” de Deus a Abraão. “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar”. Não falámos muito, até agora, da *personalidade* de Abraão. Mas esta iniciativa exige coragem, exige determinação. Deixar tudo para trás, deixar tudo aquilo que é confortável, cómodo; e tudo com o ideal de uma Terra prometida, de começar um novo caminho. Também esta mensagem faz parte da resposta à pergunta “de onde recomeçar?”: com a coragem!

CARRÓN. Na mensagem que mandou para o Meeting, o Papa Francisco captou “a” pergunta: “Diante [da estranha anestesia] do torpor da vida, como despertar a consciência?” (*Mensagem para a XXXVI edição do Meeting di Rimini*, 20-26 agosto 2015), como despertar o eu? Esta é a

pergunta decisiva que todas as visões, todas as propostas, todas as instituições, todos, todos têm que ter em conta. Só quem tiver uma resposta para esta pergunta poderá dar uma contribuição real para enfrentar este enfraquecimento do eu diante do qual nos encontramos. E esta é uma oportunidade para todos. Impressiona-me que, em 1992, numa situação terrível, Dom Giussani tenha dito: “E, no entanto, de modo paradoxal, existem, transversalmente a todas as posições, homens que, pelo contrário, têm uma sensibilidade rara, difícil de encontrar. É um facto ocasional e transversal. Esperamos que estes homens possam dar aquilo que têm. Então, conseguia-se tamponar, limitar os danos. (...) Quem sabe se este desejo de tornar menos difícil a vida dos próprios filhos (...) rompa (...) o horizonte”. Ou seja, se quem tem este desejo de ajudar os filhos ou os companheiros de estrada, entende que, para poder realizar esta ajuda, precisa de propor um ideal, uma esperança. “Quando falava de transversalidade, pensava sobretudo em certos homens judeus e em certos homens do islão, que parecem os mais próximos daquilo que dissemos antes, da sensibilidade que pode romper o horizonte” (L. Giussani, *L'avvenimento cristiano*, op. cit., pp. 125-127). Cada homem que possua esta sensibilidade rara, de qualquer origem, de qualquer proveniência que seja, tem a possibilidade de dar um contributo. É uma oportunidade também para nós cristãos, para dar testemunho de uma vida mudada. Este é o fascínio do momento presente. Fico impressionado que, ainda o Papa, em vez de se lamentar da situação, como se faz frequentemente, afirme: “Para a Igreja abre-se um caminho fascinante, como foi no início do cristianismo [despojados de tudo, como foi no início do cristianismo], quando os homens se afligiam na vida sem a coragem, a força nem a seriedade de formular as perguntas decisivas» (Francisco, *Mensagem para a XXXVI edição do Meeting de Rimini*, 20-26 agosto 2015); e é um caminho para despertar o eu humano. Qual é o caminho, qual é a modalidade com a qual o homem descobre a sua verdade, a verdade de si? Dom Giussani, de novo, é magistral: “O homem reconhece a verdade de si através da experiência da beleza, através da experiência de gosto, através da experiência de correspondência, através da experiência de atratividade que ela [a verdade que se faz encontro] suscita, uma atratividade e uma correspondência total, não total quantitativamente, total qualitativamente! (...) A beleza da verdade é o que me faz dizer: ‘É a verdade!’” (*Certi di alcune grandi cose.1979-1981*, Bur, Milão 2007, pp. 219-220); faz-me dizer isso pela atratividade que gera, na medida em que me atrai. Por isso, a pessoa, o eu, reencontra-se num encontro com a beleza encarnada de uma testemunha. O testemunho é a única modalidade de servir a verdade, uma modalidade que é, ao mesmo tempo, respeitosa da liberdade do outro e da possibilidade de proposta; uma proposta que não é uma teoria, uma lição, mas aquilo que Dom Giussani chamava de uma hipótese de trabalho encarnada em alguém. Por isso, identificava o verdadeiro desafio dizendo que aquilo que falta não é a repetição verbal ou cultural do anúncio. Com efeito, insistia sobre o facto de que o homem de hoje espera, ainda que inconscientemente, encontrar no seu caminho pessoas cuja vida foi mudada (cfr. *L'avvenimento cristiano*, op. cit., pp. 23-24), pelo encontro com Cristo ou com a própria forma religiosa. Todos estamos à espera desta provocação adequada que faça emergir a potencialidade do eu. A verdadeira questão é que tal provocação se veja na letícia do rosto, porque “estar cheios de letícia é condição indispensável para gerar (...) uma humanidade diferente” (L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo. 1990-1991*, Bur, Milão 2013, p. 240). Convidando-nos, aos cristãos, a alimentar o desejo do testemunho, o Papa sublinhou que “«só assim se pode propor na sua força, na sua beleza, na sua simplicidade, o anúncio libertador do amor de Deus (...). Só assim se vai ao encontro das pessoas com aquela atitude de respeito [de humildade]» (Francesco, *audiência aos participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, 7 de fevereiro de 2015). Por isso, a pergunta é simples: “Mas nós, cristãos, acreditamos ainda na capacidade da fé que recebemos para exercer uma atração sobre aqueles que encontramos, e no fascínio vencedor da sua beleza desarmada?” (J. Carrón, *Corriere della Sera*, 13 de fevereiro de 2015, p. 27).

WEILER. É um homem audacioso, padre Julián Carrón. Pensem que “contracultura” é escolher a figura de Abraão e colocá-la no centro do Meeting! Exige audácia. E temos que reconhecer também a mesma audácia na Monica Maggioni, nova presidente da Rai. Também tu és audaciosa em vir até aqui e moderar um *painel* que coloca Abraão no centro da discussão...

MAGGIONI. Acontece...

WEILER. É o teu espírito, padre Carrón. E também o espírito de Giussani. Pode dizer-se: “Em ti se chamarão benditas todas as famílias da terra”.

MAGGIONI. Obrigada! Isto acontece quando se encontram pessoas que mudam a vida. Homens com sensibilidade rara, como aquele Abraão. Homens que são capazes de romper o horizonte. E então, percebe-se como é o círculo de onde tudo partiu e sobre que coisa tudo se vai encerrar.

Violino (J.S. Bach, Andante da *Sonata n.2 in lá menor* per violino solo BWV 1003).

Primeira voz. “O Senhor disse a Abraão: ‘Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei: engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos. Abençoarei aqueles que te abençoarem e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem. Em todas as famílias da Terra serão em ti abençoadas.’” (Gn 12, 1-3).

MAGGIONI. Obrigada! Obrigada ao Roberto, ao violino, ao Matteo, ao Giampiero e à Federica, aos leitores. Obrigada a todos vocês. Obrigada pelas coisas que nos unem e por aquelas que nos dividem, pelas igualdades e pelas diferenças. Obrigada!